



# Ó DA GUARDA

FESTIVAL DE NOVAS MÚSICAS

## CATÁLOGO

# Ó DA GUARDA

FESTIVAL DE NOVAS MÚSICAS

Programa:

## Concertos

Auditório Municipal da Guarda  
21.30 horas

1 de Outubro

Catherine Jauniaux (voz)  
Erik M (gira-discos)

2 de Outubro

Noite da Ofmubi  
Rodrigo Pinheiro (piano)  
Américo Rodrigues (voz, poesia sonora)  
convidam  
Hiroshi Kobayashi (flautas e shakuhachi)  
Cristin Wildbolz (contrabaixo)

3 de Outubro

Veryan Weston (piano)  
Lol Coxhill (saxofone)

4 de Outubro

Jon Rose (violino e electrónica)

5 de Outubro

Victor Nubla (clarinetes e electrónica)

## Oficinas

2,3,4 e 5 de Outubro

VOZ

orientação de Catherine Jauniaux

1,2,3 e 4 de Outubro

IMPROVISAÇÃO

Orientação de Victor Nubla

## Conferência

2 de Outubro

18 horas

Biblioteca Municipal

Conferência seguida de debate:

“A electrónica e reciclagem musical na improvisação ” por Rui Eduardo Paes

# 1 DE OUTUBRO. 21H30m

## Erik M e Catherine Jauniaux

Catherine Jauniaux (voz) / Erik M (gira-discos)



Catherine Jauniaux e Erik M representam dois tempos das novas músicas que se fazem em França. Dois tempos que não viraram costas um ao outro, antes buscam uma complementaridade na exploração de possibilidades técnicas para a improvisação e sua articulação com formas não estilizadas de escrita. A primeira integrou um dos grupos de charneira do chamado "art rock" dos anos 70, os Aksak Maboul, tendo tocado ao longo do seu percurso musical com alguns dos pioneiros deste movimento, como Tim Hodgkinson (Henry Cow) e Tom Cora (Skeleton Crew). O segundo surgiu com o fenómeno DJ, ainda que muito mais influenciado pelo experimentalismo sonoro de Christian Marclay e Otomo Yoshihide - tocou com ambos, de resto - do que pelo "scratch" das pistas de dança ou do rap de rua.

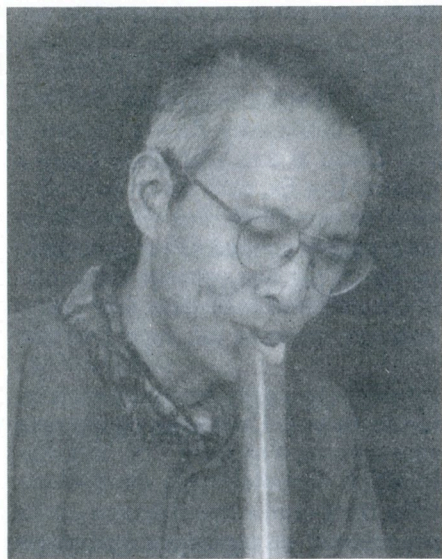
Com o grupo The Work e o projecto Third Person, ao lado de Daniel Schell, Nick Didkovsky, Zeena Parkins e Fred Frith, inserida em formações que ganharam fama nos meios alternativos como o duo Vibraslaps (com a japonesa Ikue Mori) ou na qualidade de "convidada especial" dos punk-anarquistas The Ex, com quem gravou o excelente "Scrabbling at the Lock", Jauniaux é uma cantora de características únicas, na esteira de uma certa música improvisada (Maggie Nicols, Julie Tippetts...) referenciada em Kurt Weill, no cabaré e na folk política. O seu território é, no entanto, o rock, mesmo quando temos dificuldade em reconhecê-lo enquanto tal nas deturpações da formação a que procede e no tratamento fragmentário a que subjugos os ritmos e o material melódico. Seja como for, a melodia é um elemento fundamental nos seus temas, e por vezes até com um impacto tão sugestivo que fica no ouvido, como qualquer "hit".

Já pouca coisa fica de pé nas reconstruções efectuadas por Erik M a partir de músicas registadas e comercializadas em vinil - um exemplo entre muitos de uma prática de vanguarda saída do mundo da pop. Com preferência pela colagem de elementos sonoros de vária proveniência mas sem esquecer a exploração de dinâmicas - os parasitas sonoros propiciados pela mecânica dos gira-discos -, este DJ que, na verdade, é bastante mais do que um "remisturador", tem estado particularmente activo em situações de improvisação dura com companheiros como Jean-Marc Montera e Michel Doneda, ou em contextos protagonizados por "arquitectos" de texturas e ambientes musicais como Jim O'Rourke e David Grubbs, co-fundadores dos entretanto extintos Gastr Del Sol. Juntos, Catherine Jauniaux e Erik M funcionam como a solista e a orquestra de um evento de contornos sempre imprevisíveis.

# **2 DE OUTUBRO. 21H30m**

## **Noite Ofmubi - Américo Rodrigues e Rodrigo Pinheiro convidam Cristin Wildbolz e Hiroshi Kobayashi**

Rodrigo Pinheiro (piano) / Hiroshi Kobayashi (flautas, shakuhachi)  
Américo Rodrigues (voz, poesia sonora) / Cristin Wildbolz (contrabaixo)



*Hiroshi Kobayashi*

"Militantes" da Oficina Musical da Universidade da Beira Interior desde a primeira hora, Rodrigo Pinheiro e Américo Rodrigues encontram-se nesta noite especial com dois músicos de trajectos paralelos - se bem que substancialmente diferentes, de modo a evitar situações de redundância - nos respectivos países de residência. Japonês de origem, mas Barcelonês por adopção, Hiroshi Kobayashi tem a flauta baixo como principal instrumento das suas improvisações que integram elementos da música "cult" ocidental e da tradição nipónica numa perspectiva experimentalista e de pesquisa, passando nalguns casos por um trabalho de processamento electrónico. Suíça, mas com uma grande parte da sua produção desenvolvida em Amsterdão, a contrabaixista Cristin Wildbolz concretiza a sua visão performativa da música em colaborações com dançarinos, actores, cantores (Hester Boverhuis p. ex., com quem, aliás, já veio à Guarda) e músicos improvisadores.

De formação clássica, Rodrigo Pinheiro é um pianista irrequieto e com tendência para fraseados angulosos e sincopados, geralmente muito rápidos e com diversos planos associados, lembrando por vezes Cecil Taylor e Irene Schweizer. Como eles, são comuns na sua música as alusões ao jazz e à sua história pianística

(reminiscências de Thelonious Monk e Art Tatum), embora diluídos numa fórmula sem idioma



*Rodrigo Pinheiro*

# 2 DE OUTUBRO.21H30m

definido, entre o modalismo e a atonalidade. Américo Rodrigues, por seu lado, é um poeta sonoro de estilo acentuadamente teatral, mas também um vocalista improvisador com um dicionário de técnicas extensivas que o aproximam da "escola" Phil Minton. Esta duplicidade, em vez de constituir um dilema, abre-lhe um maior campo de acção, com um pé dentro e outro fora da música entendida enquanto tal.

Pretende-se que as formações em palco variem: Pinheiro e Kobayashi abrem, Rodrigues e Wildbolz actuam a seguir, depois - e ao sabor dos impulsos de momento - terão lugar as várias combinações possíveis (Pinheiro/Wildbolz, Rodrigues/Kobayashi, Wildbolz/Kobayashi e Pinheiro/Rodrigues) e, para o final, fica o quarteto constituído por todos os intervenientes. Este é o primeiro de uma série de encontros de músicos ligados à OFMUBI com nomes estrangeiros, com vista a inaugurar intercâmbios musicais a nível internacional.



*Américo Rodrigues*



*Cristin Wildbolz*

# 3 DE OUTUBRO.21H30m

## Lol Coxhill e Veryan Weston

Lol Coxhill (saxofones soprano e tenor) / Veryan Weston (piano)

Lol Coxhill é um "outsider" da muito restrita cena da música improvisada britânica, mas também um dos seus mais prestigiados representantes fora de portas. O perfil deste saxofonista que no soprano rivaliza com "gigantes" como Steve Lacy e Evan Parker é o de um individualista que leva a prática da improvisação a soluções que não são comumente estabelecidas como "certas". Activo desde a década de 50, durante 20 anos esteve intimamente ligado ao jazz (sobretudo o bebop), ao rhythm & blues (acompanhou Martha & The Vandellas, Screaming Jay Hawkins, Otis Spann e Champion Jack Dupree nos concertos ingleses destes), aos chamados "blues brancos" (integrou o grupo de Alexis Korner) e ao rock "progressivo" (formou os Whole World com Kevin Ayers e David Bedford, entre outros).

Todas estas experiências ele transportou para a livre-improvisação, integrando por volta de 1973 a Company de Derek Bailey com os já referidos Lacy e Parker e ainda Anthony Braxton. Tocou depois com o Spontaneous Music Ensemble de John Stevens, integrou a orquestra Brotherhood of Breath do sul-africano Chris McGregor, constituiu os Recedents com Mike Cooper e Roger Turner e foi um dos solistas da "big band" Moiré Music de Trevor Watts. O "profundo interesse por muitas e variadas formas de música" de Coxhill, em vez de o obrigar a uma prática musical de camaleão, resulta numa síntese de fórmulas estilísticas sem designação nem definição pacífica. Os seus solos absolutos e os seus duos com Phil Minton, Pat Thomas e, muito em particular, com o pianista Veryan Weston, evidenciam-no ainda mais.

Com um passado de interações com outras artes - espectáculos/instalações com o artista visual Steve Cochrane e a ceramista Liz Fritsch, autoria da música do filme "Caravaggio" de Derek Jarman... -, Veryan Weston dedica-se à improvisação desde os anos 80, tendo inicialmente feito parte do Eddie Prevost Quartet e da Trevor Watt's Moiré Music. Formou de seguida um dueto com Phil Minton, foi alistado por este cantor no quarteto em que também participam John Butcher e Roger Turner e fundou um grupo com Mark Sanders e John Edwards. A música que toca com Lol Coxhill (documentada no CD "Boundless") consegue, por vezes, ser lírica, mas esse lirismo é inoculado por uma acidez tal que fica compensada qualquer tentação pelo "bonitinho". Visceral nuns momentos, pontilhística noutros, hesita entre as estruturas de carácter mais imediatista e outras que agem ao nível da complexidade e da intrincação dos elementos. De uma forma ou de outra, a depuração, a escuta mútua e o aproveitamento dos silêncios são uma constante e um sinal distintivo.



Lol Coxhill

# 4 DE OUTUBRO. 21H30m

## Jon Rose

Jon Rose (violino e electrónica)



Jon Rose



Veryan Weston

Australiano nascido na Inglaterra mas há muito radicado em Berlim, Alemanha, Jon Rose é bem o exemplo de um violinista, compositor e improvisador que não reconhece fronteiras para a sua criatividade. Música contemporânea, jazz, rock e techno, sempre com alusões "clássicas" pelo meio (Mozart, Beethoven, Paganini...), compõem o projecto a que dá o nome de Relative Violin - um "work in progress" construído em torno do violino que chega a propor uma história alternativa deste instrumento, com personagens inventadas pela fértil e quase demencial imaginação do autor de "Violin Music For Restaurants". A sua abordagem conceptual da música tem diversas vertentes - entre elas, uma de "design" e fabrico de violinos mutantes a que aplica dispositivos analógicos ou digitais, outra performativa e até de carácter teatral, com encenação dos concertos e utilização de "gags" humorísticos. As orientações também variam, dos contextos puramente improvisacionais com Bob Ostertag ou Miya Masaoka e das suas polémicas interpretações da música de Percy Grainger à "sound art" de "The Fence", em que os seus instrumentos são as vedações dos grandes ranchos de gado australianos, e ao grupo free-noise-rock Slawterhaus.

A solo, fórmula com que vem a Portugal, tem o espectáculo "The Chaotic Violin", centrado na experimentação violinística e na interactividade com a electrónica, recorrendo a programas informáticos de processamento em tempo real especialmente desenhados para si. Autor de dois estranhos livros que situam as suas preocupações musicológicas num universo ficcional e anedótico ("The Pink Violin" e "Violin Music in the Age of Shopping") e organizador de festivais que têm os instrumentos de cordas por únicos protagonistas (o próximo, "String 'em Up", está agendado para 1999), Jon Rose tocou com praticamente todos os grandes improvisadores da cena internacional, de Joelle Léandre a Otomo Yoshihide e de Derek Bailey a Chris Cutler. Histrionico, desconcertante e sarcástico, é um dos mais radicais e inventivos activistas das novas músicas, pelo que tudo é de esperar de uma actuação sua.

# 5 DE OUTUBRO.21H30m

## Victor Nubla

Victor Nubla (clarinetes e electrónica)

Mentor e "ideólogo" do grupo catalão Macromassa, de grandes tradições nas correntes pós-industrial e improvisada da electroacústica alternativa, Victor Nubla criou um sistema electrónico aplicado aos clarinetes soprano e baixo a que chamou "trust model for slight work" e que lhe permite produzir sons sem soprar ou manejar convencionalmente os seus instrumentos. Entendendo-os como próteses do corpo humano (o que, para todos os efeitos, qualquer instrumento musical é) e utilizando-os em compensação das suas próprias limitações físicas - o seu braço e mão direitos sofreram recentemente uma grave deformação -, o também responsável pelo projecto Gracia Territori Sonor, vocacionado para a cooperação trans-europeia entre artistas experimentais, introduz toda uma série de novas questões - designadamente, no que respeita ao virtuosismo do executante, padrão a que se vêem obrigados músicos clássicos, de jazz e, até, de rock. Na verdade, a música extraordinariamente complexa de Nubla, construída com uma larga paleta de inusitados sons, é tudo menos virtuosística. E se, enquanto arte performativa, vocacionada para o palco, ainda é a execução o que mais importa nela, esta serve os resultados, sendo encarada como um acto composicional, instantâneo de facto, mas consequente.

O autor do álbum "Piedra Nombre" divide a sua actividade entre o concerto improvisado, a instalação, a criação de paisagens sonoras e a composição para cinema, vídeo, teatro e dança, é ensaísta (tem dois livros publicados, "La Nueva Musica" e "Tratado Sobre los Frenos"), conferencista (fez várias dissertações públicas sobre o seu "metodo de composicion objetiva"), crítico de música em várias publicações e animador cultural. Fundador do Laboratorio de Musica Desconocida, um estúdio de pesquisa audio sediado em Barcelona, é um músico de charneira nesta cidade, tendo colaborado com Pascal Comelade, Oriol Perucho, Juan Crek, Albert Gimenez, Hiroshi Kobayashi e os grupos Secreto Metro, Klamm, Naif e Clínicos, entre outros. Sem ele, muito do que hoje a música experimental é não seria...



Victor Nubla



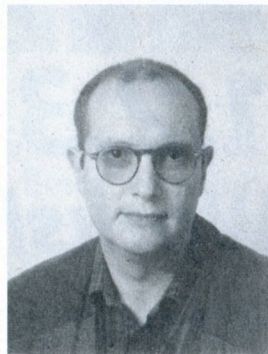
# 2 DE OUTUBRO.18H00m

## **“A electrónica e a reciclagem musical na improvisação” - conferência seguida de debate, por Rui Eduardo Paes**

No campo da música experimental, grande número das práticas mais fecundas e interessantes com utilização do "sampling" e de "instrumentos" como o gira-discos ou o leitor de CD verifica-se entre músicos dedicados à improvisação. Porquê? O crítico de música Rui Eduardo Paes procura responder à questão, lançando novas pistas para a compreensão dos últimos desenvolvimentos da electrónica tocada em tempo real.

Jornalista e crítico de música, Rui Eduardo Paes iniciou a sua carreira profissional no extinto “Diário de Lisboa”, tendo desenvolvido posteriormente a sua actividade nas mais diversas publicações, entre as quais “O Independente”, “Diário de Notícias”, “Blitz”, “Monitor” (boletim de música de que é co-editor) e “JL”, mantendo neste último um espaço de crítica discográfica.

É autor de dois livros, “Ruínas - a música de arte no final do século” e “A orelha perdida de Van Gogh - música e multimédia”, ambos editados pela Hugin. Produziu o álbum “Forças Ocultas” dos Duplex Longa (MTM) e co-produziu dois discos de Carlos Zingaro, “Musiques de Scène” (AnAnAnA) e “Release from Tension” (Audeo). Fez parte do duo Astronauta Desaparecido, com uma obra publicada pela entretanto desaparecida editora Tragic Figures: “Sound & Fury”. Concebeu e organizou os dois volumes da colectânea “New Music From Portugal” (AnAnAnA), dos quais o segundo será publicado no final deste ano. Escreveu textos de vários teor para programas e catálogos de festivais, concertos, espectáculos multimédia e instalações sonoras, a convite das respectivas organizações, bem como para libretos de discos. É um dos fundadores da Bolsa Ernesto de Sousa, iniciativa promovida pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e pela Fundação Gulbenkian em ligação com a Experimental Intermedia Foundation, de Nova Iorque, destinada a promover a arte multimédia em Portugal.



Rui Eduardo Paes

# **2,3,4 e 5 DE OUTUBRO**

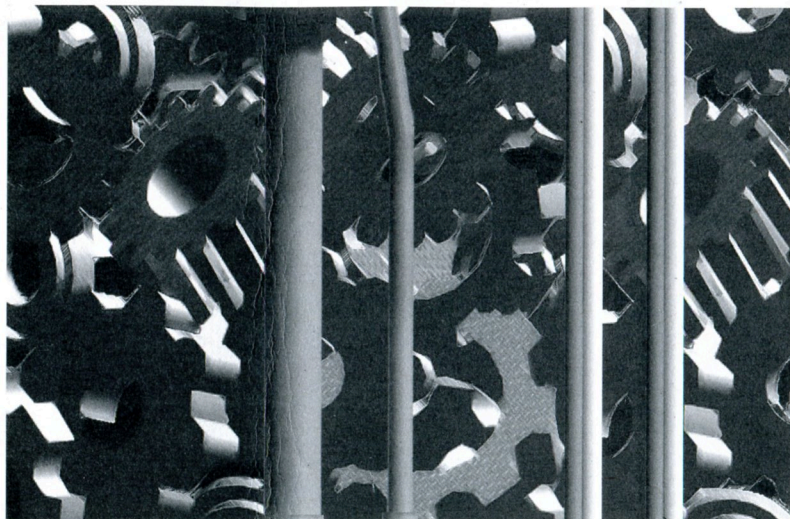
## **Workshop de Voz**

Orientado por Catherine Jauniaux

# **1,2,3 e 4 DE OUTUBRO**

## **Workshop de Improvisação**

Orientado por Victor Nubla



Organização : Câmara Municipal da Guarda  
Oficina Musical da Beira Interior  
Textos do catálogo - Rui Eduardo Paes

Design - Alexandre Gamelas  
Impressão - Tipografia Marques e Pereira  
Exemplares - 500  
Outubro de 1998

Informações através do telefone:  
071 / 220245 (Gabinete de Imprensa e Relações  
Públicas da CMG)

